
Por uma Linguística Aplicada Menor

For a minor Applied Linguistic

Arthur Victor Gomes da Silva Barros¹; Milena Beatriz Vicente Valentim²

RESUMO

As contribuições de Deleuze e Guattari para a Linguística Aplicada destacam-se pela sua abordagem crítica da linguagem, sua ênfase na multiplicidade e na heterogeneidade linguística oferecem uma análise das relações de poder e valorização da experimentação e da prática como formas de conhecimento. Suas ideias desafiam conceitos tradicionais e abrem espaço para uma compreensão mais ampla e inclusiva da linguagem e suas práticas. No mais, as ideias de Deleuze-Guattari sobre a sociedade e seu controle fluido, nos mostram os desafios de se produzir algo que resista. Até o presente momento este estudo apontou que as contribuições do modelo rizoma de Deleuze e Guattari para o campo da Linguística Aplicada podem ser frutíferos fazendo o uso dos conceitos supracitados. Pela sua própria natureza transdisciplinar, a Linguística Aplicada, uma aliança pode ser estabelecida se faz como um plano onde multiplicidades podem escorrer na medida que a pesquisa, e sua aplicação-inserção em uma demanda social, se desenvolve.

Palavras-chave: Deleuze & Guattari; Linguística Aplicada; Rizoma.

ABSTRACT

Deleuze's contributions to Applied Linguistics stand out for their critical approach to language, their emphasis on linguistic multiplicity and heterogeneity, offering an analysis of power relations and valuing experimentation and practice as forms of knowledge. His ideas challenge traditional concepts and make room for a broader and more inclusive understanding of language and its practices. Moreover, Deleuze's ideas about society and its fluid control show us the challenges of producing something that resists. So far, this study has pointed out that the contributions of the rhizome model by Deleuze and Guattari to the field of Applied Linguistics can be fruitful by making use of the aforementioned concepts. Due to its own transdisciplinary nature, Applied Linguistics, an alliance can be established if it is made as a plan where multiplicities can flow as the research, and its application-insertion in a social demand, develops.

Keywords: Deleuze and Guattari, Applied Linguistics, Rizoma

^{1 2} Universidade Federal de Catalão

*E-mail: arthurbarros54@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mundo moderno é desafiador, principalmente pela sua fluidez. A dinâmica do capital juntamente com os avanços tecnológicos de um mundo cada vez mais digitalizado são o pano de fundo das mudanças nos modos de existência e seus paradoxos: Racionalismo e irracionalismo, ciências e misticismo, emergência de movimentos sociais humanitários e a também emergência de movimentos ultraconservadores. Muitos discursos são produzidos, massificados, afirmados e negados. E em cada enunciado, existências convergem, se modificam, transformam um campo social (FABRÍCIO, 2006)

A Linguística Aplicada está inserida no tempo e espaço supracitados. Tem como um de seus objetivos responder as demandas sociais da modernidade, por focalizar a linguagem em sua processualidade. Seu modo de analisar os problemas que emergem socialmente no campo da linguagem, se aproximado das populações, instituições e coletivos são um campo propício para a problematização de um mundo globalizado e transformação da realidade (MOITA LOPES, 1996)

Deleuze (2013) também problematizam o mundo moderno, apontam para algumas de suas características. O autor desenvolve o conceito de sociedade do controle que substituem a sociedade disciplinar que Foucault havia teorizado. O autor afirma que:

nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras e ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou à rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornam-se “*dividuais*”, divisíveis, e as massa tornaram-se amostras, dados, mercados ou bancos (DELEUZE, 2013, p. 226).

Os apontamentos de Deleuze sobre a sociedade e seu controle fluido, nos mostram os desafios de se produzir algo que resista. Mesmo em uma sociedade permeada por um “capital inventivo”, que pede aos seus indivíduos uma produção criativa – as ilusões do Self-made-man! - a exploração permanece em seu ciclo de hierarquização da sociedade ainda dívida entre centro e periferia. O autor ainda aponta para a forma moderna de exploração, afirmando que, diferente do que acontece na sociedade disciplinar

o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado. É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas (DELEUZE, 2013, p. 228).

E essa é a realidade dos povos do Sul, os povos dos países subdesenvolvidos que lidam em uma escala bem grande com a falta de infraestrutura social, tendo que lidar com as sequelas de um período colonial avassalador. Favelas, guetos, periferia. São lugares que ecoam minorias – devires minoritários, línguas menores, linhas de fuga.

Frente a isso, neste artigo pretendemos apontar para algumas características que fazem da Linguística Aplicada um campo de ação e resistência, além disso, tentamos produzir uma aliança desta com a produção teórica de Deleuze e Guattari. Partimos de conceitos-chaves como o de Rizoma, Cartografia, Língua menor e linhas fuga. Abordaremos as potencialidades que emergem a partir da natureza *trans* da Linguística Aplicada. Por fim traremos uma reflexão sobre o letramento, figura importante e constante nas pesquisas em LA, problematizando sua forma de produzir caminhos para resistências.

RIZOMA: MULTIPLICIDADE, CARTOGRAFIA E A LINGUÍSTICA APLICADA

Deleuze e Guattari compuseram uma obra à dois. Eles já eram muitos antes de serem dois escritores de uma obra que inaugura conceitos importantes para várias áreas de conhecimento. A obra *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*, que se inicia com a escrita de *O anti-édipo*, se impõe como o ápice de uma produção-parceria intensa, inventiva. Os capítulos de *Mil Platôs* podem ser lidos por qualquer sequência, conectados de qualquer forma, compõem os mais diversos mapas. Os autores se dedicaram a fazer rizoma em sua obra. Mas o que seria rizoma? O que esse conceito produz e qual a sua importância?

No texto *Introdução: Rizoma* (2011a), os autores se debruçam sobre o processo produção de conhecimento a partir da figura do livro. O livro remete à materialização de saberes, um esboço do mundo escrito, conceituado. O livro se comunica com o mundo, produzindo (reproduzindo e até inventando) também um. Como apontam Deleuze e Guattari:

um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. — e com uma *máquina abstrata* que as arrasta. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 18 – 19).

Os autores problematizam as três formas, modelos de produção de um livro, o que

podemos, também, interpretar como modelos de relação com o próprio mundo, modos de produção de saberes sobre este mundo com o qual o livro também se relaciona ao ser produzido nele.

O primeiro modelo é o árvore-raiz, forma hegemônica fortemente difundida ao longo da história ocidental. Temos como imagem-eixo da produção de conhecimento o arbóreo: o Uno que se torna dois, quatro e assim em diante. Nesse modelo temos uma raiz de onde derivam os conceitos, dela se eleva um caule e uma grande copa, saberes. Nessa perspectiva, todo conhecimento se produz a partir de uma única fonte, a partir da dominação e rigidez de uma raiz Una. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

A Verdade, o Ser em si são a imagem-conceito do modelo árvore-raiz. Tomando como ponto de partida a história da formação dos saberes ocidentais, vemos que toda a tradição filosófica clássica que teve grande parte de seu desenvolvimento traçado a partir das produções filosóficas de Platão. A Ideia, Universal e fonte perfeita da qual se irradia tudo o que é verdadeiro dever ser à imagem e semelhança deste Uno. A própria ideia de multiplicidade (quando houver) é remetida a esta unidade anterior, a uma raiz.

Dentro da filosofia esta lógica permaneceu (e ainda permanece) fortemente vinculada à história da formação do saber, a partir do modelo arbóreo proposto por Descartes: Metafísica na raiz, física no caule e ética na copa/frutos. Também a partir da filosofia cartesiana, o pensamento se voltou para a divisão de corpo e alma, Verdade e mentira, Identidade e diferença. “A lógica binária é a realidade da árvore-raiz” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 20).

Um outro modelo é o da raiz fasciculada, esta já se remete ao mundo contemporâneo. Aqui, a raiz principal, como a do modelo anterior, já não aparece como pressuposto para a interpretação. O mundo já não tem uma raiz única, o sujeito se vê destituído de um eixo central aparente. “desta vez, a realidade natural aparece no aborto da raiz principal, mas sua unidade subsiste ainda como passada ou por vir, como possível” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 20).

Mesmo com a tentativa contemporânea de se fazer proliferar a multiplicidade, há a tendência de se seguir um caminho linear, quando não linear, um ciclo ou círculo, algo que se feche, se faça um posteriormente. Se não há uma raiz central, é porque esta se fragmentou em uma diversidade de raízes concorrentes. Se faz múltiplo acrescentando sempre uma dimensão superior, como afirmam os autores:

as palavras de Joyce, justamente ditas "com raízes múltiplas", somente quebram efetivamente a unidade da palavra, ou mesmo da língua, à

medida que põem uma unidade cíclica da frase, do texto ou do saber. [...] O mundo perdeu seu pivô, o sujeito não pode nem mesmo mais fazer dicotomia, mas acede a uma mais alta unidade, de ambivalência ou de sobredeterminação, numa dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 21).

Frente a isso os autores propõem outro modelo, o rizoma. A própria imagem do rizoma remete ao que é acentrado, múltiplo. A grama que está sempre entre, que transborda pela geografia de um território, abrangendo-o por estar em todos os lugares, mas distanciando-se de uma centralização cerceadora.

E assim propõem os autores, a fórmula do rizoma: $N-1$, a unidade sendo somente uma parte subtraída do múltiplo, pois é preciso produzir o múltiplo nunca acrescentando uma unidade superior, sendo contagiado por suas formas diversas, sua extensão (Cartografia), suas forças, seus ramos: “Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 22).

Os autores estabelecem 6 princípios para explicar o modelo do rizoma, 1º e 2º princípios de conexão e heterogeneidade; 3º princípio da multiplicidade; 4º princípio de ruptura a-significante; 5º e 6º princípio de cartografia e de decalcomania. Dentre estes princípios destacarei o 5º, na tentativa de demonstrar o campo frutífero que o conceito de cartografia, desenvolvida por Deleuze e Guattari pode nos apresentar.

O modelo do rizoma, segundo os princípios supracitados é o campo de desenvolvimento da multiplicidade. Sem centro, o que acontecem são conexões de partes heterogêneas, que levam sempre a outras conexões. Como afirmam Deleuze e Guattari:

Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 43).

É importante apontar que, este modelo opera por meio de agenciamentos maquínicos dos corpos – as ações, paixões, a mistura dos corpos que a agem e reagem uns sobre os outros – e agenciamentos coletivos de enunciação – os atos de enunciação,

as transformações incorpóreas que são atribuídas aos corpos. Ao pensar no conceito de agenciamento, pelo qual o rizoma opera, é interessante pensar nas conexões como as que encontramos em engrenagens de uma máquina, uma máquina-família, uma máquina-Estado, máquina-linguística e etc. Estamos falando, também, de linhas, que se espalham, se cruzam – intersecções. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a)

De uma conexão pode emerge uma ruptura, uma linha de desterritorialização, ao passo que movimentos de reterritorialização agem sobre os acontecimentos, buscando o reencontro com a significação dominante, estratificando. Um exemplo, que pode deixar mais clara esta breve exposição é a conexão entre a orquídea e a vespa.

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 26).

Pensando nisso, podemos pensar que a vespa e orquídea produzem um rizoma. Há um mapa, uma cartografia nessa relação. E ao dizer mapa, estamos falando sobre composições, encontros e rupturas que acontecem em um plano. A própria multiplicidade se desenvolve escorrendo sobre um plano, ocupando seus espaços, percorrendo suas dimensões, como o um rio que, ao roer as suas margens, flui, produzindo novos caminhos para suas corredeiras.

Cartografar é produzir um mapa, como o das relações supracitadas, rio-margens, orquídea-vespa. Produzir um saber sobre um plano e suas conexões, forças e agentes heterogêneos. A autora Virgínia Kastrup (2015), traz o conceito da cartografia para o campo da pesquisa, e transforma-o em método. Para ela, no processo de produção dos dados de uma pesquisa, o método da cartografia faz uso de uma atenção flutuante, que se abre sobre a geografia de um plano de relações, pinçando o que salta à vista e emerge do fluxo de pensamento, como o “[...] Voo de um pássaro que desenha o céu com seus movimentos contínuos, pousando de tempos em tempos em certo lugar” (KASTRUP, 2015, p. 34).

A contribuições do modelo rizoma de Deleuze e Guattari para o campo da Linguística Aplicada podem ser frutíferos fazendo o uso dos conceitos supracitados. Pela sua própria natureza transdisciplinar, a Linguística Aplicada, uma aliança pode ser estabelecida se faz como um plano onde multiplicidades podem escorrer na medida que a pesquisa, e sua aplicação-inserção em uma demanda social, se desenvolve (ROCHA;

DAHER, 2015).

A questão a ser colocada é, por meio da aliança entre os saberes constituídos pela Linguística aplicada e os conceitos produzidos por Deleuze e Guattari – e aqui temos o rizoma, os agenciamentos e a cartografia que pode ser tomada como uma perspectiva metodológica – quais vozes serão ouvidas e para quais bocas será dado um espaço de fala, de resistência?

UMA POLÍTICA DA LÍNGUA: PALAVRAS DE ORDEM E AS LÍNGUAS MENORES

Deleuze e Guattari abordaram diversas temáticas em seus *Mil Platôs*, e cada capítulo desta vasta obra é realmente um platô, por serem um plano de consistência para o desenvolvimento de multiplicidades. Dentre eles, dois se dedicam especificadamente ao campo da linguagem, o platô 4, *20 de novembro de 1923 – postulados da linguística* e o platô 5, *587 a.C. - 70 d.C. – Sobre alguns regimes de signos*. Temos nesses escritos uma base sobre conceitos importantes como agenciamento coletivo de enunciação, e com destaque, a ideia de língua menor, que nos será importante neste tópico.

A linguagem, segundo os autores, opera a partir da transmissão de palavras de ordem. Não apenas quando a frase está no imperativo, quando há uma ordem explícita, trata-se de marcadores de poder intrínsecos em cada palavras, nos marcadores sintáticos, na expressão destas, ou seja, existem pressupostos implícitos em cada palavra. A linguagem opera, desta forma, através da redundância, do ato de fala ao do enunciado, do enunciado ao ato de fala, a redundância da transmissão de ordens. Deleuze e Guattari ressaltam:

A ordem não se relaciona com significações prévias, nem com uma organização prévia de unidades distintivas, mas sim o inverso. A informação é apenas o mínimo estritamente necessário para a emissão, transmissão e observação das ordens consideradas como comandos. [...] A linguagem não é a vida, ela dá ordens à vida; a vida não fala, ela escuta e aguarda. Em toda palavra de ordem, mesmo de um pai a seu filho, há uma pequena sentença de morte — um Veredito, dizia Kafka (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p.13).

É importante neste ponto destacar a relação entre conteúdo e expressão, e por conseguinte o conceito de agenciamento. Existem estados de coisa, os corpos e suas movimentações e mistura, mas existem a transformações incorpóreas que se incidem sobre os corpos. As transformações incorpóreas são reconhecidas pela imediatez,

instantaneidade e simultaneidade com que são expressas, operando quase como um corte. Quando nos referimos aos estados de coisas, estamos falando acerca do conteúdo, e quando nos referimos às mudanças incorpóreas, falamos acerca da expressão. Deleuze e Guattari nos fornecem um exemplo que iluminam as explicações acima.

Os corpos têm uma unidade, uma duração, um envelhecimento; mas a maioridade, a aposentadoria, determinada categoria de idade, são transformações incorpóreas que se atribuem imediatamente aos corpos, nessa ou naquela sociedade. ‘você não é mais uma criança...’: esse enunciado diz respeito a uma transformação incorpórea, mesmo que esta se refira aos corpos e se insira em suas ações e paixões. (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p.13)

Se tratando das mudanças incorpóreas, estamos falando de agenciamento coletivo de enunciação, sobre as transformações que os enunciados empregam sobre os corpos. Não há uma produção individual de enunciados, de sentidos referentes a eles, mas toda uma pragmática que se estabelece e um plano de imanência a partir de uma máquina abstrata; formulações preestabelecidas sobre como dada palavra dever ser dita, como determinado sujeito deve se expressar. Desta forma, a língua não é fechada sobre si mesma (semântica, sintaxe) existem variáveis externas (pragmática) que compõe o tecido no qual os corpos se encontram. Resumidamente, podemos dizer que:

A função-linguagem é transmissão de palavras de ordem, e as palavras de ordem remetem aos agenciamentos, como estes remetem às transformações incorpóreas que constituem as variáveis da função. A linguística não é nada fora da pragmática (semiótica ou política) que define a efetuação da condição da linguagem e o uso dos elementos da língua (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 20).

Ao cartografarem a dinâmica que do funcionamento da linguagem, Deleuze e Guattari afirmam que a pragmática é uma política da língua. A Política da língua é uma forma de tratamento da língua, uma forma de se fazer proliferar vozes, enunciados, de se transmitir palavras de ordem. Ela está vinculada à máquina abstrata da própria língua, as formas de se falar, ao que deve ou não ser dito em determinado campo social (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

Temos a língua maior e toda a sua estrutura ortográfica, sintática, fonética, ou seja, a “língua materna” e todos os seus marcadores de poder. Ela se afirma como a gramática correta para os falantes, um exemplo é o Inglês-Padrão e fenômeno desviante do *black english*. E a questão é justamente o padrão, a reterritorialização, a homogeneização, da língua dentro de regras que não produzem variáveis. Temos esse tratamento, essa política da língua, que poda as manifestações diferentes de uma norma preestabelecida. Uma

sentença de morte. Haveria alguma forma de se escapar da sentença de morte que aparece em cada palavra de ordem?

A resistência aparece como um tratamento menor da língua. É por uma língua menor que aparece uma linha de fuga, um vetor de forças que resistem. A língua maior opera por meio de constantes, enquanto as línguas menores pela potência da variação, é aquela que produz diferença, dá voz para bocas silenciadas que procuram sua própria forma de falar. “‘Maior’ e ‘menor’ não qualificam duas línguas, mas dois usos ou funções da língua. O bilinguismo tem certamente um valor exemplar, mas aqui, por simples comodidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 53).

PRODUZINDO LINHAS DE FUGA: PESQUISA E AÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

Como produzir resistências na pesquisa? Como produzir linhas de escape a partir na/pela Linguística Aplicada? Essas são problematizações que surgem a partir da discussão teórica realizada até aqui. Vimos toda a contribuição das obras de Deleuze e Guattari para os estudos da linguagem, agora nos perguntamos que forças uma aliança entre os estudos deleuze-guattarianos com a Linguística Aplicada pode produzir.

Angela Kleiman (2013), aponta para a necessidade crescente da linguística aplicada de se voltar para o sul, reiterando o compromisso social da linguística aplicada.

Há vozes concorrente no mundo globalizado. Há a dominação dos países desenvolvidos, uma organização geopolítica que, mesmo que velada, conserva a um modo de funcionamento colonialista. Ainda o Norte (Estados Unidos, Europa) é a referência cultural. O Norte é o centro, e grande parte do mundo, a periferia, a borda (KLEIMAN, 2013).

O lugar se faz importante quando para as ações do pesquisador. Há saberes locais que foram, e vem sendo eliminados a favor de uma homogeneização, de um novo processo de colonização (A favor de um Língua Maior!). Por isso Kleiman (2013) problematiza o lugar dos países do Sul, o espaço onde se é produzido um saber dos povos que sofreram séculos de colonização, que ainda marca nossos corpos, nossas paixões, nossas palavras e o nosso modo de pensar. (KLEIMAN, 2013).

O que Angela (2013) propõe é a descolonização do conhecimento, mais precisamente, da Linguística Aplicada. É um posicionamento político que reivindica a

inclusão de todas as histórias que perpassaram as vidas dos sujeitos e a luta para que estas não sejam apagadas. Para isso a autora propõe uma agenda de pesquisa que parte do diálogo entre os conhecimentos que vem sendo produzidos pelos povos do sul, do mundo periférico. O diálogo “[...] na periferia e a partir da periferia” (KLEIMAN, 2013, p. 46).

Para o planejamento de ações, é necessário entender os mecanismos de dominação dos países hegemônicos. A autora aponta que, mesmo o modo de produção capitalista moderna se sustentando na produção da diferença, celebrando a inovação e o empreendedorismo, acaba consolidando ainda mais a sua hegemonia enquanto sistemas dominante e conseqüentemente, agravando ainda mais as suas mazelas (KLEIMAN, 2013)

Ao propor a agenda de pesquisa, autora aponta para o papel da Universidade, um meio vital para a produção de saberes, que acaba por perpetuar formas hegemônicas e silenciar conhecimento marginalizando-os. Frente a isto, Angela (2013) problematiza, “Como fazer para não reproduzir, dentro da elitista e arcaica estrutura universitária brasileira, as relações que o centro mantém com a periferia?” (KLEIMAN, 2013, p. 55).

É um desafio que demanda forças de resistência. Um desafio político e a Linguística aplicada por uma natureza *trans* (transdisciplinar, transgressora) se torna um terreno fértil para proliferação das Línguas Menores. Ao pensar no Sul, Kleiman (2013) planeja o resgate não de uma minoria em questão quantitativa, mas as minorias heterogêneas, as forças que produzem o não-hegemônico, linhas de fuga. A fuga como algo que escorre, flui, como a água que rompe as paredes de uma barragem. E é este o sentido empregado por Deleuze e Guattari, quando estes se referem as Línguas menores. O devir minoritário é uma resposta a sentença de morte presente nas palavras de ordem, se elas significam uma parada, uma homogeneização, as línguas menores devem ser a fuga que age e cria. (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 62).

Kleiman (2013) aponta para o papel do pesquisado em linguística aplicada, se pergunta sobre as temáticas que são propostas em programas de pesquisa. Para quem são propostos os temas? A que povo as temáticas se voltam seu olhar, seus ouvidos? A quem dão visibilidade? Aqui retomamos a imagem do modelo rizoma, suas linhas, seus platôs, suas conexões, e a cartografia, bem como a figura do pesquisador como aquele que mapeia, produz um território.

A cartografia é a perspectiva do mapeio, mas mapeia quem é afetado pelas forças que compõe um território. Há forças que reterritorializam, linhas mais densas, firmemente

desenhadas sob a forma de uma figura de poder, as máquinas, a máquina-Estado, a máquina-escola, uma máquina-burocrática. Conservando, impedindo as variações, uma língua maior. No entanto existem linhas de escape, que operam por meio de pequenas rupturas, permitem que multiplicidade respire, produza o novo. São as linhas de fuga, e fugir não como um acovardamento, mas como uma resistência.

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

O pesquisador-cartógrafo, que se engaja com as demandas sociais do Sul, da periferia, deve estar atento as estas linhas, tênues, às pequenas rachaduras na muralha da língua maior. Deve ser marginal, estar a margem e produzir na margem, sempre entre, como a conjunção *e* (e... e... e...), afirmando-a frente as imposições do verbo *Ser*. É na perspectiva da descolonização que a cartografia faz alianças com a Linguística Aplicada, dando outro tratamento à língua, fazendo-o a gaguejar. Realizar pesquisa em LA é produzir um novo discurso sobre uma demanda social, afirmando ou não um novo modo de existência que pode dar voz a bocas silenciadas (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

E atualmente muitas minorias estão sendo silenciadas, com escalada de poder da ala política ultraconservadora no Brasil³. Destaco aqui a situação dos povos originários. Nos voltemos para a composição histórica do território brasileiro. Antes da dominação portuguesa, estima-se que habitavam nesta terra entre 600 a mil línguas faladas por milhares de nativos.

Atualmente, existem 154 línguas indígenas no Brasil. Elas podem desaparecer em 100 anos, pois se perpetuam apenas por meio da tradição oral, e o número de falantes vem diminuindo⁴. Cada língua carrega a história de uma população, suas experiências com o território, descobertas, mitos. Saberes que foram esculpidos durante séculos, passando de uma boca a outra.

Atualmente o avanço de políticas genocidas vem tomando os territórios e as vidas dos povos originários no nosso país. Terras indígenas são saqueadas, desmatadas⁵,

³ Informações disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/07/18/eleicao-no-brasil-mobiliza-extrema-direita-no-mundo.htm> Último acesso em: 26/08/2022.

⁴ Informações disponíveis em: <https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas/> Último acesso em 27/07/2022.

⁵ Informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/invasoes-a-terras-indigenas-aumentam-em-2020-e-mortes-tem-alta-de-63/> último acesso em: em 27/07/2022.

indígenas são perseguidos, mortos ameaçados, marginalizados pelo Estado⁶. A heterogeneidade sendo esmagada pela homogeneidade dominante violenta. Línguas sendo mortas, mundos sendo obliterados.

A Linguística Aplicada tem o privilégio do contágio. Sua preocupação com as demandas sociais a aproxima da materialidade dos corpos, das nuances do território. Podemos nos perguntar quão frutíferas se movimentar em direção aos povos originários brasileiros e suas lutas. Podemos pensar no papel do letramento desses povos, formas de rachar o muro da dominação de uma língua maior portuguesa, o letramento em uma perspectiva crítica, que enxerga os desafios de um território colonizado durante séculos e produz um mundo novas possibilidades.

Ailton Krenak (2019) pensador e ativista indígena relata sobre a importância dos saberes indígenas para a manutenção – e quem sabe salvação – da vida no mundo. Uma outra relação com a terra, sendo ela um ente vivo como o ser humano e não uma propriedade que pode ser consumida desregradamente e violentada. O autor fala sobre a relação de seu povo com a terra:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo não estou para conversa hoje, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser (KRENAK, 2019, p. 11).

Quantas histórias podemos encontrar em todas as 154 línguas? E que outras histórias podem ser produzidas? A Linguística Aplicada se volta bastante para o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, o inglês principalmente, no nosso país. Também temos que ser estrangeiros em nossa própria língua. Como aponta Krenak (2019), já que estamos todos caindo – nas sentenças de morte das palavras de ordem, na homogeneização produzida a partir de uma língua maior – que resistamos e produzamos, todos, paraquedas coloridos (KRENAK, 2019).

⁶ Informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/taxa-de-assassinatos-de-indigenas-aumenta-216percent-em-dez-anos-diz-atlas-da-violencia.ghtml> Último acesso em 27/07/2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de Deleuze e Guattari se voltou para o múltiplo, o que estava entre uma margem e outra. Eles produziram rizomas, em cada um de seus platôs, escreveram a n-1. Suas forças se voltaram contra o Significante, o Homogêneo, a normatização. Eles traçaram linhas de fuga. Também a Linguística Aplicada pode-se contagiar com a obra desses dois pensadores.

Pudemos notar que a aliança entre a LA e a produção Deleuze-guattariana conduz a uma forma de se construir saberes potentes. A natureza trans da Linguística Aplicada, sua capacidade de se voltar, se contagiar com o meio social e efetivar ações nele é fortalecida pelo modelo rizoma. Aliás o terreno produzido pela LA é fértil para se fazer rizoma. Se voltar para os devires menores, para as vozes do Sul, cartografar as fagulhas de resistência que racham os muros. Essa pode ser a necessidade de produzir essa aliança. É um modo de se tratar a língua, uma política da língua. E nesse artigo, pretendemos cartografar um ponto de partida, traçar algumas linhas que sirvam como rota de fuga criadora.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Introdução: Rizoma*. In: **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011a. p. 17 – 51.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *20 de novembro 1923 – Postulados da Linguística*. In: **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 2**. São Paulo: Editora 34. 2011b. p. 17 – 51.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Da Superioridade da literatura Anglo-Americana*. In: **Diálogos**, São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 49 – 65.

FABRÍCIO, B. F. *Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”:* *Redescrições em curso*. In: **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45 – 63.

KASTRUP, V. *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. In: **Pistas do Método da Cartografia. Pesquisa – Intervenção e Produção de Subjetividade**. Virginia Kastrup; Eduardo Passos; Liliana da Escóssia. (Org.). Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. p. 32-51.

KLEIMAN, A. *Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: Problematizações*. In: **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. Luiz Paulo Moita Lopes (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39 – 69.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOITA LOPES, L. P. da. *Afinal o que é Linguística Aplicada*. In: **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 17 – 25.

ROCHA, D.; DAHER, C. *Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?* D.E.L.T.A., 31 (1), Rio de Janeiro. p. 105 – 141. Jan-Jun/2015.

DELEUZE, G. *Post-Scriptum: Sobre as Sociedade de Controle*. In: **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 223 – 231.